

As dimensões subjetivas do cotidiano: um esforço de tradução na linguagem da TV

PARTE 1

26: 36

É um prazer redobrado pela condição de retornar ao convívio dos mineiros, prazer por estar podendo apresentar o que muitos talvez não tivessem visto um dos episódios dessa série “Não é o que parece” produzido na TV Futura, prazer maior ainda porque estamos aqui de certa forma fazendo uma aproximação que alarga o campo de possibilidades de pensar as contribuições da ciência psicológica para a interpretação do mundo, para a construção das referências socialmente utilizadas para dialogar sobre as várias situações no interior da sociedade que vivemos e de certa maneira, oportunidade de estarmos aqui incluindo a psicologia como uma disciplina que tem um dever de debruçar-se sobre esse campo que vem se constituindo nos últimos 21 anos como uma dimensão fundamental da existência social, referida nos processos mais variados que se multiplicam a cada dia mais de comunicação humana, através dos processos de difusão tecnológica, de transformação tecnológica.

Certamente se a gente pensa em termos da sociedade brasileira, os últimos 40 anos (isso vale também para os países periféricos) 60, 70 de modo geral eles trazem um crescente papel dos meios de comunicação na regulação dos fluxos da vida no interior da sociedade. Nós somos cada vez mais o que recebemos como mensagem, o que recebemos como comunicação. Estou chamando atenção para necessidade para que a gente, enquanto psicólogo, possa assumir e encarar essa questão que é de operar nos nexos complexos e difíceis entre o processo de afetação que os meios de comunicação produzem interferindo, formatando e estabelecendo referenciais para a produção das subjetividades, dos sujeitos e identidades culturais.

Então isso talvez seja o motivo de maior prazer e estar aqui pra isso e de perceber que nós temos tantos colegas que estão interessados nisso, que estão preocupados com isso e que estão talvez dispostos a alavancar essa caminhada. Também muito relevante porque isso se dá num quadro institucional no qual esses órgãos, CFP, e CRP descobrem de certa maneira, além dessa dimensão que acabei de expor agora que essa dimensão relativo a especificamente ao conteúdo e impactos, efeitos e afetações sobre as subjetividades. Além disso, os Conselhos

de Psicologia descobrem com mais nitidez a questão do caráter fundamental do debate sobre a democratização dos meios de comunicação, da necessidade de que efetivamente seja exercido um controle social sobre o processo de produção nas comunicações. Nós vivemos sobre a égide de um Brasil carioca por excelência, porque é um Brasil que vai todos os dias às 20 horas para o Brasil inteiro, como referencial de identificação, de comparação, de produção de comportamento, de definição das modas.

Enfim, nós que temos essa diversidade tão grande de falares, de sotaques... viram que nesse vídeo, propositalmente, que causa estranheza, o locutor é pernambucano. Causa estranheza porque geralmente não pode ter sotaque, um locutor supostamente a locução deve ser sem sotaque, e aqui o locutor é pernambucano. Foi muito interessante o efeito em alguns lugares que apresentamos e discutimos, foi muito interessante o efeito dessa marcação proposital, escolhida para tal.

Mas isso é para dizer da questão da identidade cultural, por exemplo, que é uma questão super importante. E dizer para as formatações de subjetividades que estão, sem maquiavelismos, gerenciando interesses por detrás da indústria da comunicação. Temos uma colega, Estela Arantes, que estudou o que os jornais do Rio de Janeiro produzem sobre o tema droga e faz um estudo muito interessante, colecionar aquele tanto de matérias sobre as drogas. Existe o problema da droga, um problema grave, real e existe o problema da droga construído pela comunicação e são duas coisas: uma se apoia na outra, mas não são exatamente idênticas.

Quer dizer, a produção de uma população assustada, apavorada que justifica violência policial, que é esse o desdobramento que ele dá, se efetivamente a gente começar a achar que os rios de Belo Horizonte estão correndo crack, de que em todas as esquinas estão vendendo cocaína, todas portas de escola tem entregador de maconha. Isso vai efetivamente modular um certo tipo de apreciação que nós fazemos sobre a realidade, vai de certa forma estabelecer uma forma de sentir o mundo, um certo modo de subjetivar a experiência de estar no mundo e sem dúvida nenhuma esses impactos. Enfim, nós somos psicólogos, nós temos que lidar com isso não pode ser tratado como apenas uma questão dos antropólogos.

Aí vou entrar rapidamente, para trazer à vocês a razão de ser desse experimento, é disso que se trata essa série “Não é o que parece”, foi um experimento que nos pareceu hoje após colhermos a retroalimentação do nosso trabalho, do produto que “saiu pelo mundo,

ninguém mais é dono” e de repente as interpretações se multiplicam , os comentários, críticas muito úteis, contribuições.

Então nesse momento queria dizer do momento de fazer, de começar, de pensar isso, foi um momento de muita insegurança de nossa parte, mas que nós tínhamos clareza, primeiro acerca de uma demanda que os psicólogos fazem em todos os congressos de que os Conselhos cuidem de apresentar a imagem de um psicólogo. Mas a gente acha esse negócio tão furado, porque toda vez que você apresenta uma imagem e assina essa imagem, a sociedade já está de certa forma também hoje, alerta para não comprar, para desconfiar daqueles que estão vendendo. Então a demanda é de vender a corporação, “Vendam a corporação para facilitar a nossa presença no mercado de trabalho!”, “Vendam positivamente a nossa imagem!”.

E se a demanda é essa, a gente fez uma análise crítica dessa demanda, a gente interpretou essa demanda, e por outro lado percebemos que não é de todo adequada como formulação mas por outro lado, não dá pra ignorar, existe uma questão sendo apontada. Que talvez seja essa questão, de que os psicólogos precisam efetivamente se aproximarem desse campo, que é o campo das comunicações e precisam lidar com esse campo das comunicações.

Talvez o que a gente tenha feito depois é complementar um pouco essa ideia, e dizer “Bem, temos que lidar, fazer parte do fórum nacional pela democratização das comunicações, temos que lidar endereçando mais investigações na academia acerca dos processos de subjetivação e suas relações com a mídia e os meios de comunicação, de produzir um prêmio monográfico como o que foi realizado recentemente o Prêmio Dante Moreira Leite que teve como tema exatamente Psicologia e Comunicação: a produção de subjetividades, sujeitos e identidades culturais.

Essas são ampliações de uma percepção de que não dá para psicologia, para os psicólogos ignorarem a sua responsabilidade na elucidação de uma certa dimensão da realidade que tá e provoca e faz efeito, não dá para gente continuar sendo estritamente leigos nesse tema. É preciso estabelecer uma fronteira e uma conexão. Não dá pros psicólogos serem meros consumidores leigos das comunicações, é preciso que se posicionem a partir do seu saber, da sua profissão, do seu fazer e eles possam também manejar a partir de suas investigações, contribuir, esclarecer.

E o “Não é o que parece!” é um pouco um ensaio disso de “botar a cara pra bater”, fazer esforço de tradução. E aí eu vou destacar dois ou três aspectos, pois de certa forma é muito complicado quando se trabalha com imagem, porque as coisas que estão para serem ditas, já foram ditas. E quando você exhibe, cada um colha, o que colher. Mas essa foi uma das preocupações centrais dessa experiência.

Primeiro a experiência de apontar socialmente para a perspectiva da presença de uma na dimensão subjetiva ineliminável, que não pode ser eliminada da realidade. Nós temos pelos processos possivelmente na mesa, aqui eu sou leigo, mas temos na forma de construção da percepção social nós temos uma hipostasia, um dimensionamento das dimensões objetivas da realidade, um paradigma da objetividade fortemente governante. E nós psicólogos, as vezes ficamos muito incomodados, afinal de contas “Diabos! As pessoas não param para ver que tem uma dimensão subjetiva. Que dimensão é essa? Como se pode ter acesso a essa dimensão da subjetividade?”

Então esse ensaio são 8 programas com temas da sociedade brasileira, do cotidiano. O primeiro nome dessa série foi “As dimensões subjetivas do cotidiano”, e a ideia foi dizer: “Ei, pare, veja!”, que é o que o psicólogo geralmente fala com as suas clientelas. A ideia era fazer um matéria que tivesse esse tipo de vocação, o esforço era de não produzir uma entrada e saída, de não fazer nada do tipo “telecurso”. Temos que lembrar sempre que o meio é mensagem, não preciso dizer que se dizer que “vou falar”; já estou falando. Esse cuidado de permitir uma reflexão.

São temas muito complexos, como a gênese dos preconceitos, como se constroem socialmente, que é um tema difícil de ser trabalhado mas trabalhamos como temas igualmente difíceis como por exemplo “Lembro, logo sou” que traz a questão de memória e identidade, como “o indivíduo e o coletivo” para falar de tensões radicais na sociedade, numa perspectiva narcísica, de um individualismo narcísico, a questões do coletivo, essas tensões em pertencer ao grupo, as restrições de individualismo, enfim são tema muito complexos.

Nós contamos com a pesquisa da TV Futura, que se colocaram como parceiros, e isso foi um programa feito artesanalmente numa rede que tem algo de artesanal, mas opera num regime de produção industrial, ou seja avacalhamos o esquema da produção. É muito legal porque esse programa atualmente é indicado como um programa de maior utilização.

A TV Futura tem 4 mil pontos de utilização, pontos de recepção, que acompanha, retroalimenta e o programa foi apontado como um programa de maior uso, quer dizer, as

peças gravadas para passar depois, fazem grupos, é bem usado, e isso é um super feedback pra gente. E geralmente aponta-se a característica de ser um provocador, não afirma muito nada, não se posiciona, traz as coisas contraditoriamente, aliás usa e abusa do caráter contraditório da realidade, brincar com a percepção das pessoas, confundir, embaralhar um pouco as formas mais estruturadas. E isso foi uma escolha, uma busca e de certa maneira fazer isso trazendo as pessoas tais como elas são, os brasileiros da rua e não trazendo naquela forma do bate bola na TV, nesse uso sacana das pessoas na rua, mas trazer as pessoas na condição de sujeitos, inteiros, trazer sotaques. E dizer de uma dimensão nacional, trazer isso dessa forma.

Então, essa equipe da TV Futura, ela de certa forma se colocou muito disponível com o desafio de trabalhar com um tema muito complexo, e de fazer chegar (ainda que seja um canal de recepção fechada) a experiência de trazer isso foi um esforço de construir não um discurso da psicologia e dos psicólogos, mas dialogar com a população a partir da perspectiva que os psicólogos dialogam, talvez essa tenha sido a opção inicial. Por isso tem muita coisa pra caminhar no processo de produção de produtos desse tipo. com essa vocação, mas se achou que a primeira coisa seria alertar as pessoas que existe uma dimensão da subjetividade e é extremamente relevante.

Eu falo desse ensaio, e dizendo que vamos continuar esse ensaio, temos mais 8 programas para fazer e vamos tentar avançar sobretudo nessa conexão, numa compreensão sobre a subjetividade, numa compreensão mais estruturada sobre as subjetividades. A subjetividade aqui compreendida numa perspectiva sócio histórica, como efeito relacional da presença do sujeito numa dada sociedade, que conjunto de informações consome, na sua cultura, em conjunto de sua época, valores, enfim com suas formas de perceber.

Então temos aí uma nova série que vamos começar a discutir concretamente alguns novos temas para fazer uma série de programas e esgotaremos por aí. Porque temos que fazer um esforço de dar a essa experiência o esticamento que ela consegue ter, levar até o máximo porque percebemos que temos um grande debate sobre a TV digital, onde todos nós poderemos ser produtores. Então nessa hora e debate, por isso ficamos orgulhosos, bem estamos marcando aqui a condição que é possível pensar uma linha de produção que tenha como referência, as nossas referências do campo da psicologia, as nossas formas de interpretar o mundo e quiçá com a TV digital, todos nós possamos produzir muitas coisas

interessantes, e possamos fazer ensaios onde nós tentemos evidenciar certas compreensões sofisticadas e complexas que nós temos sobre os modos de ser das coisas.

Porque efetivamente se existe um sentido da presença de uma ciência na sociedade, é que essa ciência esteja a disposição dessa sociedade e que não seja um mero instrumento de uma determinada corporação profissional, para fazer disso simplesmente o seu meio de vida. Então é contraditório às vezes para um projeto corporativo, mas o papel de uma ciência é estar a disposição da sociedade. É muito importante que tudo que a psicologia produz como conhecimento, seja acessível, às pessoas comuns.

Nós temos um sociólogo brasileiro, que inaugurou essa perspectiva, Guerreiro Ramos, num livro “A redução sociológica” onde ele diz : “A sociologia para compreender a sociedade. À quem interessa a compreensão da sociedade? À todos que vivem na sociedade, portanto há que entregar a sociologia, produzi-la e entregá-la a sociedade”. Então podemos talvez assumir uma perspectiva correlata para a psicologia, sem medo de que isso represente uma inviabilização da presença de técnicos, operarem cima de processos técnicos, não precisamos ter medo disso. Mas precisamos oferecer às pessoas, perspectivas de compreensão do mundo, a partir dos fenômenos que a gente trabalha e que a gente estuda e compreende. Não podemos ficar nesse gozo narcísico, “isso aqui é meu”; então essa é a perspectiva que ter aberto com esse programa para o debate e me coloco a disposição.

A mídia e os desafios à Psicologia (CRP 04) - Parte 2

Interessante a colocação e me fez avançar uma ideia enquanto te ouvia, que essa relação de mídia e subjetividade, quando você resgata a questão da imprensa, da literatura inicialmente, da narrativa, mas sobretudo com a invenção da imprensa. Porque alguns autores com os quais trabalho, muitas vezes, reforçam exatamente a ideia de que na produção da imprensa está a raiz da produção de um novo tipo de experiência, que é experiência da interioridade, que é fundamental para a constituição do individualismo moderno. Seria impensável a produção do individualismo moderno, tal como o conhecemos e experimentamos na nossa sociedade, sem a produção da experiência da interioridade que é algo absolutamente novo.

Imagine, as narrativas antes eram exatamente coletivas, eram celebrações grupais e aí você passa a ter possibilidade do indivíduo entrar em contato individualmente com a

narrativa e desenvolver esse tipo de experiência interior, uma experiência de usufruto de aproveitamento de relacionamento interior e de como essa formatação... Vejam só, nós estamos falando de algo radical do ponto de vista de paradigma da experiência do sujeito, da formatação do sujeito. Abre-se uma imensa janela para dentro, não para fora, para dentro com deleite, a experiência do experimentar para dentro de si os efeitos que a narrativa lhe produz, não em companhia do outro mas individualmente, isoladamente como um ser único. E alguns autores realçam essa questão do papel, dessa experiência de interioridade.

Eu achei isso muito legal porque é uma ponte super interessante para radicalizar, nessa ideia de mídia e subjetividade. nós podemos dizer que é assim, a mídia formata subjetividade desde o começo, na primeira forma que emancipa a mídia, ela produz um efeito sobre a formatação dos sujeitos. É disso que nós estamos falando: qual é o sujeito social que tá valendo? Como está se construindo as formas de apresentação do sujeito social?

Eu acredito que a gente tomar contato com essa experiência, a gente tem que tomar contato como o coletivo profissional (não individualmente cada um já tem os seus contatos, as suas reflexões quando as pessoas vêm aqui), mas mudar a qualidade desse contato do ponto de vista de uma corporação profissional, quando você exatamente faz o esforço para produzir a voz coletiva, para produzir a voz dentro do coletivo como bom senso, como formatação de todo mundo igual, mas formar um vetor de opinião, de grupo profissional - que acho que é isso que a gente tá fazendo aqui.

Mas quando a gente abre essa questão, como corporação profissional e não mais como indivíduos psicólogos isolados, acho que a gente tem que ser capaz também de perceber as várias dimensões, que se abrem nesse momento, porque eu acho que existe (e ressaltai uma delas) que é a dimensão de como nós podemos usar a mídia para problematizar as visões de mundo, e é um pouco o que a gente quis fazer com esse vídeo, usar a mídia para problematizar as visões de mundo. Acho que é uma forma da gente que é psicólogo, negócio de problematizar a visão de mundo, esse é o nosso negócio! Se for definir um eixo de unificação do nosso campo é: nós somos os caras que queremos problematizar a visão de mundo, que operamos a partir de uma relativização de visões de mundo, referindo-a aos seus momentos históricos, às suas condições culturais, culturais, faz parte do nosso negócio.

Mas eu acho que tem efetivamente uma outra questão que é exatamente pensar como é que as visões de mundo são propostas pela mídia, é fazer também a interpretação dos vetores, das direções. Eu acho muito problemático que no estado da arte do conhecimento,

nós como psicólogos sobre isso, o que as pessoas querem saber é o seguinte: qual o efeito da programação sobre as crianças? A pergunta vem direta, querem saber como influencia.

Nesse estado da arte, eu acho problemático fazer afirmações. Até porque deve nos alertar que devemos estar atentos, e desenvolver no plano academia, no plano das investigações um certo dizer numa certa consistência porque são muitas mediações. Na verdade é esse o problema porque quando na literatura, quando a invenção da imprensa produz e modela uma forma de interioridade, subjetividade, interioridade individual, lá é simples, porque lá os lugares de profecia no interior da sociedade estão muito estabelecidos, são poucos e eles vão começar crescentemente a se complexificar.

E hoje na verdade, é muito complicado você dizer o que influencia o que, o que faz efeito, o que acalma, quer dizer assim; eu acho não acho que dá pra ter um pensamento linear. O nosso desafio é nos esforçarmos para produzir modelos complexos de interpretação dessa relação que só podem ser feitos no campo da interdisciplinaridade. Mas não dá pros psicólogos ficarem de fora disso, porque senão fica faltando um pedaço muito relevante que é o pedaço da interpretação, exatamente dessa dimensão que opera sobre um por um, sobre o indivíduo, opera também sobre o coletivo, mas nós enquanto psicólogos o colhemos enquanto expressão do um por um.

Sobre a questão da censura, acho que tem duas coisas que podemos pensar nesse país. Uma é a questão democrática que é a questão radical. E não é a democratização da comunicação, mas a democratização do feijão. Nós temos democratizações várias para fazer na sociedade, nós temos uma questão democrática instalada nesse país não resolvida. Do ponto de vista da interioridade, do modo de subjetivação do sujeito brasileiro, ele não realizou o conceito básico igualdade, não temos isso dentro da gente, não formou. A máquina não produz “brasileirinho”, não produz “brasileirinho” com o sentimento de que todos os homens são iguais, porque são desse estado nessa sociedade. “Produzir brasileiro” é assim : nessa sociedade existe gente de primeira, segunda e terceira categoria, existem os apazíveis e os desprezíveis.

Essa forma de subjetivação é um enigma que nos devora. A questão da igualdade é um enigma da sociedade brasileira que não deu conta de entender e nós temos um déficit de entendimento enquanto interioridade, enquanto modo de subjetivação sobre o que é ser igual. Então a questão democrática ela é muito ampla, eu acho que a gente tem que operar em todos os lugares e esse é mais um local pra gente operar.

Mas acho que podemos ser campeões da questão democrática, mais do que a questão democrática das comunicações, mas precisamos saber interpretá-la em todas as circunstâncias, como a das empregadas domésticas que ganham um salário de 240 reais e “é muito natural”, tem gente que “nasceu pra ser doméstica”, o filho é, a avó era, todo mundo é, uma geração inteira de sujeitos marcados por essa condição histórica, “de terceira categoria”, cujo devir histórico só pode ser um tipo de devir. Na nossa sociedade não tem essa coisa de “ascensão” não, tem um grupo que nasceu pra ser mantido mesmo nessa condição, é uma questão grave. Portanto, pensar a questão de censura ou não censura, é pensar a questão política da democracia.

E a última questão é sobre a questão da ética, que na verdade essa sociedade é uma sociedade que tem uma questão ética em aberto tremenda: ela convive com 50 milhões que passam fome, que sociedade mais mequetrefe! Aí tem a leitura do Sérgio Buarque de Holanda, mas queria recomendar um jovem weberiano que é Jessé Souza, “A modernização seletiva”. O Jessé faz uma coisa muito legal porque ele reinterpreta os intérpretes do Brasil, diz assim “falta teorização do Buarque de Holanda, do Faoro, do nosso Freire, Gilberto Freire, algo que possa com a teoria da produção de um modo de interioridade. Não existe povo sem subjetivação, e tem um modo de subjetivar que esses sujeitos fazem como hipótese adoc.

Por isso nós temos que ler esse texto do Jessé Souza, porquê ele abre pra gente pensar exatamente quais são os modos de interiorização na sociedade brasileira, que tem a ver com a sociedade escravocrata. Ele diz assim “é preciso construir uma teoria do processo de estruturação subjetiva” e denuncia que esses autores usam o argumento psicológico sem produzir uma teorização de como essa psicologia se produziu, de como chegamos psicologicamente a nos construir os sujeitos que somos; e avança hipótese no sentido que vale a pena .

45:55

Gosto muito de pensar a questão dos países periféricos, modernidade híbrida que é uma forma de traslado de um conjunto de valores que são consolidados, ser europeu é forma um europeuzinho e o irracional é o real. É interessante nesse sentido porque são formatos de sujeitos sociais. Mas esse sujeito social está dentro de uma trajetória que começou com a imprensa, esse sujeito social foi se construindo nessa direção.

E de repente de lá, manda o modelo do real irracional pra cá e diz e “você aí que foram construídos na Casa Grande Senzala, você também tem que adotar o modelo do real e irracional!” e aí não cola porque tem um efeito de alienação muito importante num processo de aculturação. Não estamos sozinhos! A América Latina é uma tristeza, “O Diário de uma motocicleta” conheço quase todos os países da América Latina, me fez evocar essa tristeza do destroçamento cultural do continente, todos avassalados. Os últimos europeus da América do Sul, acabaram se destroçando os argentinos. Mas veja, é um destroçamento geral que pega o eixo desde o México e desce até o Paraguai, é um destroçamento cultural.

Agora, isso não é feito só de mídia. Essa é a mídia do capitalismo. Vamos botar um nome do monstro, o nome do não é neoliberalismo, senão a gente fica fazendo os jogos de linguagem. O nome do monstro é o capitalismo, é uma forma de engendrar e não tem nada errado com ele nesse sentido, que cumpre sua vocação. E nós temos a mídia do capitalismo. Me preocupa muito, quando a gente faz essas discussões setoriais, a gente não pode despolitizar, e achar que existem esferas absolutamente independentes operando num território que não tá marcado por essa conexão.

Então acho que a gente tem que politizar, que é trazer a questão da periferia e centro em todos os sentidos, em todas as questões mundiais. Em todas as questões podemos recolocar a questão periferia - centro como uma questão nevrálgica. No Brasil a questão da periferia e do centro, ela recebe, ela agrega essa questão radical da democracia, essa questão de existir descartáveis, dispensáveis.

O problema é não ter realizado o mínimo do pacto social que define o pacto do estado burguês básico. “Todo cidadão é igual perante a lei”, nem isso, do ponto de vista de seus direitos, de suas liberdades individuais. É realizar o básico.

Então ao fazer a discussão sobre democratização, nós precisamos ter isso tudo em mente. Agora eu vou continuar apelando para os colegas, que é o seguinte: temos que ser humildes nessa hora e dizer e “se a gente quiser definir um território nosso, como psicólogos nesse campo, é preciso começar.” Agora, as mediações que a gente vai precisar, como a questão da recepção como uma questão fundamental pra processar essa análise, dá conta pro lado mais simbólico, mais cognitivo, tem outra parte inteira que é sobre o processo de constituição dos sujeitos. Os sujeitos não tão se construindo porque tão vendo tv, o processo de constituição do sujeito não se resume a isso e não posso dizer que indiferente à TV a, b ou c.

Quando você vai em cuba e vê um processo de produção “cubaninhos”, são sujeitos muito interessantes. Alguns garçons mas tem uma altivez que nos choca a todos os brasileiros, e discute política, discute filosofia e é o garçom, mas ser garçom não define a sua condição de sujeito no mundo, como no nosso caso, ser “flanelinha” define a condição de sujeito no mundo, que define um modo de subjetivação, que é diferente do modo de subjetivação daqueles que estão universidade, registros do choque da diferença cultural registros de subjetivar como superior, como o do andar de cima e se subjetivar como do baixo. E aja depois continência pra rebeldia que vai ter o tênis nike de qualquer jeito, vai tomar o seu se for preciso.

E temos uma série de questões que decorrem e temos que pensar. Sobre as rádios comunitárias, acho super interessante porque nesse regime de complexidade da periferia-centro e do avassalamento cultural, só uma coisa pode nos direcionar: a subordinação. Nós precisamos resgatar nossa capacidade de subordinação, de insubordinação que se mantém. O problema são as coisas estejam assim, o problema é que a insubordinação esteja esvaziada e isso sim é preocupante. Em 77, chutou a porta e botou pra baixo, acabou com o regime militar, grande concentração de insubordinação.

Então acredito que nos seus devidos lugares e formas, a questão da insubordinação nós precisamos resgatar. E aí eu acho que nós como psicólogos precisamos resgatar a nossa insubordinação, a um certo modelo de prática profissional, com a teoria, produção acadêmica, do grupo social a qual entendemos que a nossas idéias psicológicas devem estar ajustadas.

Então estou falando de humildade nesse sentido, na verdade uma humildade quase pretenciosa que diz: “e aí, nós estamos construindo da psicologia brasileira. Tem 41 anos como profissão, somos protagonistas do que vai ser a psicologia brasileira, uma profissão de 40 anos não quer dizer nada. nós estamos construindo agora a psicologia”.

E nós podemos nos manter no efeito de alienação nos relacionando como “isso não me diz respeito, só me diz respeito a interioridade” ou nós podemos dizer “Tem muita coisa para fazer, muito estudo para produzir, muita coisa pra compreender sobre esses complexos processos que produzem brasileiros como brasileiros em seus modos de ser, modos de sentir, modos de interpretar o mundo, em torno disso, e efeitos sociais se organizam e se ordenam.

Mas de alguma maneira, não existe objetividade social sem uma subjetividade que lhe corresponda. Nós psicólogos precisamos botar isso na nossa cabeça. Não tem objetividade

social, sem sujeitos que sentem, pensam e naturalizam formas que sentem e pensam, organizam a sua forma de sentir e pensar. Então por trás tem o objeto dos psicólogos, e precisamos destradicionalização nossas interpretações sobre o objeto da psicologia e meter cara, taí vamo fuçar, buscar construir, perceber e interpretar.

Temos que acertar para que o estado da arte daqui há dez anos, nós possamos estar aqui discutindo hoje a gente compreende melhor um conjunto de variáveis que interfere no processo de produção de certos modos de subjetivação, inclusive alguns tipos de efeito da mídia porque a gente vai poder contar sociedade, pra todo mundo, que nós enquanto psicólogos, estamos ajudando a desvendar os enigmas que produzem a realidade social. Eu não entendo finalidade de trabalho intelectual que não tenha essa vocação, por isso sou tão enfático nesse sentido. Acho que a gente tem que ajudar a desvendar, e a colocar a disposição para que a sociedade possa utilizar ou não, como diria Caetano Veloso, mas a gente fez a nossa parte. .